



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14425 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT11 - Política de Educação Superior

**AMA(R)ZONIZAR A FORMAÇÃO DOCENTE: ASPECTOS DA DECOLONIALIDADE E DIÁLOGO INTERCIENTÍFICO COM INDÍGENAS NAS UNIVERSIDADES AMAZÔNICAS**

Rita Floramar Fernandes dos Santos - UFAM - Universidade Federal do Amazonas

**AMA(R)ZONIZAR A FORMAÇÃO DOCENTE: ASPECTOS DA DECOLONIALIDADE E DIÁLOGO INTERCIENTÍFICO COM INDÍGENAS NAS UNIVERSIDADES AMAZÔNICAS**

**Resumo:** Este trabalho é recorte de pesquisa que iniciou no ano de 2019 no contexto de formação no Programa de Pós-Graduação na Universidade Federal do Amazonas - UFAM, problematizando a formação docente universitária. Trata de investigação documental e discussão em torno da decolonialidade e do diálogo intercientífico, tendo como sujeitos principais os indígenas. É uma contextualização pertinente para educadores das Amazônias.

**Palavras-chave:** Formação docente, decolonialidade, diálogo intercientífico, universidade.

## REVERBERAÇÕES INICIAIS

No papel de formadora universitária enxergo que são inúmeros os desafios postos à universidade, principalmente no que tange a desempenhar, com coerência e maestria, a sua responsabilidade no ensino, pesquisa e extensão, conjugando esse tripé às demandas da sociedade na qual ela está inserida, em vista de um benefício social aos sujeitos que, direta ou indiretamente, a ela estão ligados.

Esta instituição de ensino superior, pressionada pelo Movimento indígena, abriu espaço a estes povos, embora tardiamente. Todavia, ela vem gradualmente, relativizando essa demanda através de políticas pensadas para (e com) os povos indígenas, em contraposição ao atrofiado saber ocidental que se considera superior em relação aos conhecimentos que esses povos carregam consigo.

Enxergo assim a tessitura dessa pesquisa como uma ferramenta a mais para que os povos das “Amazônias” sejam menos invisibilizados em termos de formação, informação e contextualização da realidade política educacional, somando-se à complexidade da ação educativa nesse território, na contramão do paradigma da modernidade.

Em função disso, o objetivo geral, foi o de analisar como se construiu (vem se construindo), na práxis universitária do Curso Formação de Professores Indígenas (FPI)<sup>[1]</sup>, saberes-fazer pedagógicos mediados pelo diálogo intercultural e decolonialidade, tendo como referência as turmas do Alto Rio Negro e Médio Solimões.

Este curso e estas turmas apresentam-se por hora, como parte da face mais concreta da tentativa de esforços (e desafios) na formação de professores indígenas, enquanto realidade específica e diferenciada, como também, na formação dos formadores docentes da UFAM.

Neste percurso, o presente trabalho construiu-se tomando como base a pesquisa documental, reconhecida como “[...] método de compreensão e produção de conhecimento científico acerca de determinados recortes da realidade sócio-educacional”. (SILVA et al., 2009, p. 4.555).

A ideia nesta conjuntura foi apostar na questão das pedagogias decoloniais e diálogo intercultural, na Universidade Pública, como aportes contribuidores para a construção de saberes Outros na formação de educadores. Portanto, a proposição do caminho percorrido nessa investigação, assenta-se no aporte qualitativo e construído em uma abordagem analítica esboçada pela alteridade (DUSSEL, 1986), para que melhor se possa utilizar dos significantes decoloniais. A analítica é cara neste sentido, porque procura posicionar o outro, como *Outro*. Aqui, o Outro a que nos referimos são os indígenas que estão dentro das universidades, sem desconsiderá-los fora de um contexto social, político, econômico, cultural, etc.

Em suma, a produção de conhecimento no aspecto formativo, aqui nesta pesquisa, quer avançar a discussão em torno da interrelação entre o saber e o pensar as Amazônias com seus sujeitos, como também, o significado de conhecimento nessa discussão. Atentar que quando falamos da Amazônia, falamos na verdade em Amazônias, sem esquecermos que, mesmo em suas singularidades, elas são bastantes plurais, como são os povos indígenas. E no processo formativo na universidade isso deve ser estudado, pensado, refletido e questionado de maneira crítica e decolonizadora, intentando um diálogo intercultural.

## ASPECTOS DA DECOLONIALIDADE E DIÁLOGO INTERCIENTÍFICO

Optar por usar das pedagogias decoloniais como termômetro é, também, dizer que se entende que continua a co-existir um sistema colonialista na educação escolar e na Universidade. É nesse sistema que precisamos estar com as mentes e ações decolonizadoras, questionando a colonialidade e encontrando mecanismos para mostrarmos uma nova narrativa possível no chão da lida pedagógica. Para mais, incorporar práticas que possam “colaborar para o exercício de uma democracia participativa, que não seja a mera legitimação das forças da vontade imperial no mundo” (SPYER, et al, PALERMO, 2019, p. 57) e sim, da vontade das forças das diferenças e respeito a elas.

A formação, sua análise e síntese via projeção da decolonialidade e diálogo intercientífico, transforma saberes, visibiliza esquecidos e marginalizados e nos faz *experts* nas entrelinhas das leituras daquilo que se exclui e do que se inclui. Para Quintero, Figueira e Elizalde (2019), trata-se de um espaço enunciativo “não isento de contradições e conflitos, cujo ponto de coincidência é a problematização da colonialidade em suas diferentes formas, ligada a uma série de premissas epistêmicas compartilhadas” (p.04).

Isto precisa ser melhor teorizado nas diversas áreas de estudo e ensino em nossas instituições de formação superior amazônicas, alargando-se para as demais instituições, trazendo para seu interior os sujeitos que detêm outros saberes, como possibilidade de interação que ultrapassa as formas tradicionais de ensinar e aprender, reconfigurando formas outras de diálogo com sujeitos que por muito tempo ficaram à margem desse processo.

### RÁPIDAS CONSIDERAÇÕES

Na docência, os educadores podem explorar isso com mais precisão, uma vez que são educadores destes lugares com seus muitos pontos de interrogação e pontos de exclamação no patamar das subjetividades, das cosmologias, de epistemes, das lutas, das perdas e ganhos, em constantes embates com a conjuntura neoliberal vigente. São estes os sujeitos que podem implementar mudanças político-culturais, ressignificando quem são e o que querem com a educação e a formação. Percepções indígenas nos ajudam, como esta:

*Me sinto orgulhosa de fazer parte de um povo muito rico em conhecimentos tradicionais, e em especial, de ser professora indígena, e não importa o que os outros falam ou pensam de nós povos indígenas, pois somos cidadãos pensantes e podemos fazer as mesmas coisas como qualquer pessoa não indígena. E devagar vamos mostrar isso para vocês da universidade, porque a gente acredita nas nossas palavras, porque eu vejo que os não indígenas, não acreditam as vezes, nas palavras deles mesmos.* (discente indígena do povo Kambeba do Curso Formação de Professores Indígenas da

UFAM)

Nesse interim, enxerga-se o diálogo como investimento político e categoria necessária no cenário das diferenças culturais – indígenas-universidade-formação – para tentar identificar e entender os paradoxos, desafios e aproximações possíveis nesta conjuntura. Implica se estar cientes do alerta de que, neste trajeto, o diálogo está além da troca entre sujeitos, por se tratar de relação entre pessoas e pessoas; entre pessoas e instituição, relação esta que não é pacificamente tomada somente de consensos, porque os dissensos fervilham nestas relações.

A Universidade, às vezes, acentua o não diálogo, quando avulta seu “privilégio epistêmico” (GROSFOGUEL, 2016), diante dos povos originários. Precisamos entender que diálogo não é convencimento, nem tampouco proselitismo. É valorar a aproximação com alguém, com uma instituição ou grupo, para então decidir o que fazer, entendendo “que o diálogo serve não apenas para apresentar ideias, como também evidenciar as várias formas de ação” (OZMON, 1975, p.07).

Para Meliá (1996), quando se aposta no diálogo entre diferentes povos e culturas com um objetivo comum a ser alcançado, supõe-se que ambos estejam fortalecidos. É um diálogo onde não existem vencidos e vencedores. Em relação aos indígenas, não é uma posição de entreguismo ou retirada, é uma ferramenta de luta. Em relação à Universidade, é uma possibilidade para o enfrentamento da injustiça a tantos povos e seus saberes. É uma posição de confiança e necessidade na construção de “novas relações entre aqueles que se encontram, enquanto condição de um novo diálogo: um diálogo que reclama, que exige” (MELIÁ, 1996, p.08).

O diálogo intercientífico na formação de educadores é constructo de muitas ações cujo produto final é a derrubada dos muros da intolerância epistêmica amalgamados pelo cimento da unicidade científica, que aponta uma verdade como a única certa. Assim, tem se apostado no diálogo da universidade com tantos povos indígenas, estes por sua vez, trazem a riqueza de ciências outras que precisam falar delas e serem ouvidos com toda atenção.

Dos achados da pesquisa em curso, algumas categorizações vieram à tona, como indicativos decoloniais e de diálogo intercientífico descrito pelos indígenas do curso Formação de Professores Indígenas. São elas: pertencimento étnico, a história de contato ressignificada, a potência do Movimento Indígena, histórias de vida e resistência, a importância da escola indígena, a diversidade epistêmica e territorialidade.

IDEIA PARA GERAR NOVAS IDEIAS

A formação na academia para os sujeitos amazônicos como os indígenas, passa do incômodo, do que fazer, da insegurança, da invisibilidade, para a correlação de forças político pedagógicas, onde a instituição e o instituído, no bojo do diálogo com sujeitos outros, tomem ciência de suas diferenças e encontrem possibilidades de confluências e de diálogos, entre saberes e conhecimentos.

Subentende-se, pois, refletir e querer efetivar outras experiências educativo-pedagógicas que muito podem nos ensinar sobre outros modos de educar e assim construir realidades outras, realidades novas, para novos sujeitos e assim ama(r)zonizar a formação docente, trazendo aspectos da decolonialidade e diálogo intercientífico a serem discutidos nas universidades amazônicas.

Finalizo com um trecho descrito no trabalho de pesquisa intitulado: Olhares falantes

*De vez em quando me perco naqueles olhares indagantes, confusos, desconfiados, aconchegantes.*

*São assim os olhares daqueles indígenas que estavam à minha frente, com caneta e papel na mão.*

*O primeiro contato sempre é com o olhar e, eles dizem muito. Só precisamos fazer a leitura certa ou que pelo menos o “pensamos” ser a certa... precisamos saber enxergá-los.*

*Um olhar aqui, outro ali... traduzem séculos de opressão, traduzem histórias que jamais foram escritas e que talvez nunca serão!*

*Olhares que traduzem um cuidado no que é dito, no que é feito e até mesmo desfeito.*

*Às vezes, transmitem um mundo mais livre e mais próximo da natureza, do natural. Às vezes, é latente a desconfiança, a curiosidade, as dúvidas, o medo, os segredos... Revelam uma vontade imensa de perpetuação de sua vida cultural, do retorno do que lhes foi usurpado, do que ainda hoje é negado.*

*São olhares que vão além do que é visto a olho nu, porque é transcendental, porque mostra muito do que significa seus ancestrais... algo que para outras culturas pode não se entender jamais.*

*São olhares cujas pupilas dilatam ao encontrar-se com o novo, com o diferente, com o que é de seu povo.*

*São olhares que viram as naus portuguesas chegando, também a cruz e as correntes da opressão e assim começou a usurpação, o silenciamento, do esquecimento.*

*Caciques/tuxauas destituídos, pajés desmoralizados porque a ‘verdade’*

*Veio de barco, junto a escuridão que calou tanta cosmovisão.*

*Depois a severa educação, distante do bem viver:*

*Todavia, a resistência também sobreviveu. E perdura há mais de 500 anos,  
A ideia é resistência, mais cinco séculos se preciso for. Nenhum sangue indígena  
derramado ficará em vão...*

*São olhares que precisam em alguns momentos dos nossos. São olhares que falam e  
que dos nossos esperam respostas... por isso, olhares falantes!*

*Olhares que falam demais...*

## REFERÊNCIAS

- DUSSEL, Enrique. Método para uma Filosofia da Libertação: superação analética da dialética hegeliana. São Paulo: Edições Loyola, 1986
- MELIÁ, B. Educação Indígena: apostando no diálogo. Jornal Porantim. N.8. Dez. 1996.
- OZMON, H. Filosofia da educação: um diálogo. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1975.
- QUINTERO, P; FIGUEIRA P; ELIZALDE P. C. Uma breve história dos estudos decoloniais. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, 2019.
- SILVA, L.R. C et al. Pesquisa documental: alternativa Investigativa na formação docente. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. PUC. PR, 2009. p. 4554-4566.
- SPYER, T; LEROY, H. R; NAME, Leo. Zulma Palermo: a opção decolonial como lugar-outro de pensamento. Revista Epistemologias do Sul, v. 3, n. 2, p. 44-56, 2019. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2466>. Acessado em: 05 de janeiro de 2021.

---

[1] Da Faculdade de Educação na Universidade Federal do Amazonas.